



**NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Religião e linguagem*: abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015. 446 p. (Coleção Sociologia e Religião). ISBN 978-85-349-4187-7**

Júlio Cesar Tavares Dias \*

Há uma renovação na academia no Brasil, mas principalmente no âmbito das Ciências da Religião, do interesse pelo universo que fica entre a linguagem e a religião. Isso faz aparecer aqui e ali, nos cursos de Ciências da Religião (no nível de graduação e pós-graduação, porém mais neste do que naquele), projetos, artigos e pesquisas que vão se agrupando numa área que vai recebendo o nome de *Linguagens da Religião*. Trata-se de uma área que inicialmente ligava-se principalmente a um tipo específico de abordagem, a abordagem fenomenológica<sup>1</sup>, mas que vai atraindo cada vez mais estudos interdisciplinares, dispostos a responder perguntas próprias dessa área: Por quais *linguagens* a religião se expressa? E não poderíamos abordar a religião como forma de linguagem? E para os literatos, nossos poetas e escritores, a linguagem não seria uma forma de religião? E os textos religiosos? Não são eles também Literatura? Sobre o que fala a

---

Resenha recebida em 15 de julho de 2017 e aprovada em 04 de setembro de 2017.

\* Doutorando no Programa de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). País de origem: Brasil.  
E-mail: juliocesartdias@hotmail.com

<sup>1</sup> Por exemplo, o já clássico livro de Severino Croatto (2001), *As Linguagens da Experiência Religiosa*, publicado pela Paulinas, trazia como subtítulo *uma introdução à Fenomenologia da Religião*.

linguagem religiosa? O que a diferencia da fala ordinária ou científica? Apenas o seu conteúdo?

O organizador do livro, Paulo Augusto de Souza Nogueira, professor da Universidade Metodista de São Paulo<sup>2</sup>, já tem contribuído com outras publicações com a área em questão<sup>3</sup>. O livro objetiva ser não só um conjunto de ensaios, mas um manual de introdução à temática. O livro é dedicado ao professor Etienne Higuët, um dos grandes especialistas em Paul Tillich e conhecedor profundo da hermenêutica e da fenomenologia, em homenagem e comemoração pela passagem dos seus trinta e cinco anos de ensino na Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo. Nas palavras do organizador, o professor Etienne Higuët deve ser tomado como um paradigma da abordagem interdisciplinar proposta no livro, pois tem saído das áreas onde já era pesquisador conceituado e conhecido para nos últimos anos se dedicar à semiótica e à cultura visual e à relação entre arte e religião.

O livro, com quatorze capítulos, divide-se em quatro partes, a saber: 1. Cultura Visual, 2. Teoria Literária, 3. Estudos culturais e sociologia e 4. Hermenêutica. A hermenêutica é uma tradição antiga da reflexão teológica das religiões, principalmente do cristianismo e do judaísmo, por isso, podemos dizer que é a abordagem mais clássica apresentada neste livro. As demais abordagens representam algum viés mais novo na área das linguagens da religião, principalmente a primeira, cultura visual, uma abordagem que se faz necessária por que “a linguagem não pode mais se referir apenas à palavra, seja oral ou escrita [Aliás] Os signos visuais [...] são os mais importantes e os mais potencialmente aptos à geração de novos sentidos” (p. 10).

A primeira parte é composta por três textos. Em *Imagens e imaginário: subsídios teórico-metodológicos para a interpretação das imagens simbólicas e*

<sup>2</sup> Aliás, boa parte dos autores estão ligados à Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>3</sup> Por exemplo, o livro que organizou em 2011 pela editora Paulinas: *Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais*, e o capítulo de que escreveu para o *Compêndio de Ciência da Religião* em 2013, *Linguagens Religiosas: origem, estruturas e dinâmicas*.

*religiosas*, Etienne Higuët, diferentemente do que fizera no livro *Linguagens da Religião* (2011), onde partira de uma perspectiva teológica e sociocultural, elegeu dessa vez uma abordagem filosófica, partindo de Paul Ricoeur, mas estabelecendo contato com a tradição junguiana desenvolvida por Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Henry Corby, e escolhendo como guia do percurso o filósofo francês Jean-Jacques Wunemberg, que na sua opinião, sintetizou bem a contribuição dos estudiosos do imaginário para a análise de imagens. No segundo capítulo, *Artefatos, imagens e logotipos como linguagens da religião: uma proposta multidisciplinar do estudo da cultura visual religiosa brasileira*, escrito por Helmut Renders, somos lembrados de que “as religiosidades brasileiras foram construídas por uma complexa amalgamação de tradições, na qual ritos, gestos, imagens, artefatos e espaços ao longo dos séculos, falavam mais alto do que conceitos e textos” (p. 64). Também hoje a cultura visual se faz cada vez mais sentir forte tanto nos espaços públicos quanto no ambiente virtual. Por isso o autor acredita que “seja fundamental interpretar as religiões brasileiras considerando as suas interfaces com as respectivas culturas materiais e visuais, às quais elas pertencem e que elas representam e constroem” (p. 64). O capítulo *O gesto na religião e na fé*, do antropólogo alemão Christoph Wulf, parte da conceituação de gestos como movimentos significantes do corpo e da constatação de que, em todas as religiões, os gestos tomam parte nas representações onde se manifestam Deus(es) e espíritos; o texto nos conduz a ver a importância do gesto na história e na religião.

Na segunda parte, Teoria Literária, temos o maior número de capítulos. Paulo Nogueira abre essa parte com o texto *Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo*. Douglas da Conceição escreveu *Levar a mão sobre si: Religião e literatura autobiográfica*, reconhecendo que “em diversos momentos da história da cultura literária ocidental, a literatura autobiográfica se revelou como abrigo proeminente das experiências humanas de natureza religiosa” (p. 144); o autor analisa a obra autobiográfica de três cristãos ilustres: Paulo, Agostinho e Teresa d’Ávila. *Hermenêutica da religião e paradoxos*

*de sentido* foi escrito por Antônio Carlos de Mello Magalhães, que ciente de que “A religião é paradoxal, com profusão de deslocamentos e paradoxos na construção dos sentidos” (p. 179), elabora uma “reflexão que interprete a religião a partir de seus paradoxos, não de suas doxas e de suas repetições eivadas de autoritarismo” (p. 180), tendo como referência Michail Bakhtin, Gilles Delleuze e Felix Guattari. Rodrigo de Souza escreveu *Bakhtin e a interpretação do texto sagrado: alguns pontos fundamentais*, com a intenção de “observar como certos posicionamentos teóricos de Mikhail Bakhtin e do chamado ‘círculo bakhtiniano’ podem contribuir distintivamente tanto para a tarefa de interpretação do texto sagrado como para reflexão sobre os processos que essa tarefa engloba” (p. 202). Júlio Zabatiero assina o capítulo *Semiótica discursiva e religião*, pretendendo que não se perpetue o desconhecimento do que “as semióticas são e podem oferecer ao estudo das religiões” (p. 218); apresenta-nos uma definição da semiótica discursiva, sua história e seus principais conceitos.

A terceira parte contém apenas dois capítulos, *Hibridismo cultural e a polissemia da religião: reflexões teológicas a partir de Homi Bhabha*, de Cláudio Ribeiro, e *Sentidos das linguagens religiosas: perspectivas sociológicas*, de Dario Rivera. Cláudio Ribeiro reconhece que “as expressões religiosas são sempre polissêmicas”, e o são porque construídas na “fronteira”, na expressão de Bhabha, no “entre-lugar”, através do recurso a *negociação*, isto é, a habilidade de articular diferenças e mediar o que pareçam ser realidades contraditórias (p. 257, 263 e 267). Dario Rivera em seu texto reflete sobre o potencial teórico para o estudo das religiões do pensamento de autores clássicos da sociologia, como Max Weber e Pierre Bordieu, e de autores contemporâneo, como Henri Desroche, mas também de um autor “redescoberto” recentemente, Maurice Halbwachs, que para Dario Rivera é quem “abre caminhos mais promissores para pensar a polissemia religiosa do que a sociologia clássica da religião” (p. 284).

A última parte inicia com o capítulo *Mito e logos: novos caminhos da hermenêutica na América Latina*, de César Carbullanca Núñez, que parte de uma

distinção entre a exegese científica e a exegese pastoral, “que se limitaria àqueles aspectos do texto cujo conhecimento é necessário para compreender o conteúdo e permitir uma atualização da mensagem” (p. 309). Esse capítulo é uma investigação sobre a pergunta “qual é o lugar do mito na teologia latino-americana?” (p. 311). Para Núñez, a Teologia da Libertação deve se perguntar o tipo de racionalidade que utiliza em seu discursos, o papel do pensamento mítico na prática libertadora e pelo status da linguagem dos pobres na elaboração de sua proposta teológica. O capítulo *Sentido e significação: uma essencial distinção hermenêutica*, por Rui Josgrilberg, traça as diferenciações entre Frege e Husserl. Frederico Pieper, tendo como referência o teólogo e filósofo Paul Tillich, escreve *Sobre o conceito de religião*, tema com que as Ciências da Religião ainda têm de se haver. O último texto do livro, *A arqueologia e a nova compreensão da história de Israel e Judá*, de José Ademar Kaefer, volta nossos olhos para as Escrituras Sagradas de cristãos e judeus e para uma disciplina das Ciências da Religião ainda pouco enraizada no contexto brasileiro, a arqueologia.

As grandes qualidades do livro *Religião e Linguagem* que fazem valer sua leitura são sua grande abrangência e a oferta que nos faz de caminhos ainda pouco percorridos, mas que vão se mostrando bastante promissores e instigantes, nos estudos da religião.